ISSN: 2358-8829

O OLHAR DOCENTE SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA NA SALA DE AULA REGULAR

Gabriela Barbosa Reis[1]
Adriana Alves Novais[2]

INTRODUÇÃO

Ao iniciar minha trajetória no Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Sala de Recursos Multifuncionais, observei um aumento expressivo no número de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante o processo de orientação e articulação com os regentes do ensino regular, tornaram-se evidentes os desafios e as lacunas da educação inclusiva, corroborando a perspectiva de Cabral e Marin (2017) sobre as dificuldades enfrentadas nesse contexto.

A efetivação da educação inclusiva no ensino regular impõe ao docente responsabilidades que transcendem a infraestrutura física da escola. Segundo Onohara, Santos Cruz, e Mariano (2018), a qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) está relacionada à adoção de metodologias adequadas e à utilização de recursos didáticos que favoreçam efetivamente o processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, os autores ressaltam a importância de práticas pedagógicas que considerem as necessidades específicas desses estudantes, contribuindo para a construção de estratégias educativas que ampliem suas possibilidades de participação e aprendizagem.

Os autores reforçam que a postura reflexiva do educador torna-se um pilar central, onde o professor deve manter plena consciência de seu ensino e de sua prática, sempre considerando o contexto específico em que as interações ocorrem. Essa consciência demanda uma avaliação constante das situações cotidianas, permitindo que o docente busque soluções assertivas para os problemas que surgem no percurso educativo.

Diante dessa realidade, surgiu o seguinte questionamento: como os professores do ensino regular percebem e desenvolvem suas práticas pedagógicas no processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar? Compreender essas

[1] Mestranda em Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – Mestrado Profissional (PROFEI) - Universidade Federal de Sergipe. Email: gabriela_pedagogia@yahoo.com.br
[2] Doutora em educação pela UFS. Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFS- Campus Professor Alberto Carvalho. E-mail: drianovais@academico.ufs.br

percepções torna-se fundamental, uma vez que o professor exerce papel central na mediação do processo de ensino e aprendizagem, sendo responsável por desenvolver estratégias que favoreçam a participação e o desenvolvimento dos estudantes com TEA no contexto escolar.

Com isso busca-se refletir sobre as experiências vivenciadas no contexto escolar, no que se refere à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. O estudo busca compreender como as práticas pedagógicas são desenvolvidas no cotidiano escolar e quais desafios e estratégias estão presentes nesse processo.

Para tanto, apresenta-se como objetivo geral analisar as reflexões de uma professora do Ensino Fundamental I acerca de suas experiências no contexto escolar com uma aluna diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista. Como objetivos específicos, busca-se compreender os desafios enfrentados no processo de inclusão, identificar as estratégias pedagógicas utilizadas pela docente no desenvolvimento de suas práticas e refletir sobre as possibilidades de construção de práticas educacionais mais inclusivas no ambiente escolar.

A investigação foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando o relato de experiência como procedimento metodológico. A partir da reflexão sobre a prática docente e do diálogo com referenciais teóricos da área da educação inclusiva, pretende-se contribuir para a ampliação das discussões acerca da inclusão escolar de estudantes com TEA, bem como para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis às necessidades e singularidades desses educandos.

Segundo Minayo (2012) o relato do sujeito é organizado pela reflexão e interpretação dos momentos por ele vivido, devendo este dialogar entre teoria e a realidade encontrada. Para este trabalho, a participante refletirá sobre sua realidade e a pesquisadora fará o diálogo com a teoria.

A participante leciona em uma escola pública estadual localizada na Região Metropolitana de Aracaju. Dentre as professoras desta instituição, uma aceitou fazer seu relato, refletindo sobre sua experiência de ensino com aluno autista, o qual foi utilizado para este trabalho.

Ao realizar o convide, a professora foi informada que seus dados pessoais seriam mantidos em sigilo para que sua identidade fosse preservada, com isso, neste trabalho será usado um nome fictício ao nos referirmos à docente.

A ampliação das discussões sobre a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) mostra-se necessária, especialmente quando considerada a partir das experiências vivenciadas pelos professores no cotidiano da sala de aula. Ao evidenciar as percepções e práticas desses profissionais, este estudo favorece a reflexão acerca dos desafios

ISSN: 2358-8829

presentes no ambiente escolar, além de contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas mais inclusivas, que considerem as singularidades dos estudantes e promovam uma educação fundamentada nos princípios da equidade e do respeito à diversidade.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de um relato de experiência, com o objetivo de analisar as reflexões de uma professora do Ensino Fundamental I acerca de suas vivências no processo de inclusão escolar de uma estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A abordagem qualitativa possibilita compreender as experiências da docente, considerando os desafios e as estratégias pedagógicas presentes no cotidiano da sala de aula.

O estudo foi realizado a partir do relato de experiência de uma professora de uma escola pública estadual localizada na Região Metropolitana de Aracaju, Sergipe, que atuava em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, na qual estava matriculada uma estudante com diagnóstico de TEA. A participante foi convidada a compartilhar suas experiências relacionadas ao processo de inclusão escolar e aceitou contribuir com a investigação.

O relato constituiu a fonte de dados da pesquisa, possibilitando conhecer as percepções da professora sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas, as dificuldades encontradas e as estratégias utilizadas para favorecer a participação e a aprendizagem da estudante. A análise do material foi realizada em diálogo com referenciais teóricos da educação inclusiva, buscando relacionar as experiências narradas às discussões sobre o trabalho docente e os desafios para a efetivação da inclusão no ensino regular.

Para orientar a análise, foram considerados três aspectos relacionados aos objetivos do estudo: os desafios enfrentados pela professora no processo de inclusão; as estratégias pedagógicas utilizadas no acompanhamento da estudante; e as possibilidades de construção de práticas educacionais mais inclusivas. Essa organização permitiu examinar as situações relatadas à luz das discussões teóricas, considerando tanto as iniciativas da docente quanto as condições que interferem no desenvolvimento de seu trabalho pedagógico.

Com o propósito de preservar a identidade da participante, foi utilizado o nome fictício Cíntia ao longo do artigo. A análise buscou valorizar a experiência narrada pela professora, compreendendo-a como uma possibilidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas e as condições necessárias à construção de uma escola comprometida com a inclusão e o respeito às singularidades dos estudantes.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos ao adentrarem no espaço escolar estão ocupando seu lugar de direito, conquistado através de um processo histórico com muita luta, para que os mesmos pudessem chegar onde estão nos dias atuais, fazendo valer seus direitos e deveres. Conforme foi posto por Macalli et al. (2019), as políticas públicas refletem para que o aumento dessas matrículas aconteça nas escolas brasileiras.

Com a presença de alunos público da educação especial (sendo estes, pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação) no ambiente escolar, a professora Cintia[3], expôs que está atuando no 2° Ano do Ensino Fundamental I, em uma turma que tem uma aluna com diagnóstico fechado de TEA e completa:

> Quando me passaram no início do ano que receberia uma aluna autista, fiquei com receio, por não saber o nível do espectro. Assim, para dar uma maior assistência a ela, coloquei-a sentada próximo a mim, avisando aos demais o lugar daquela colega, para ninguém sentar nos dias seguintes. Expliquei que a mesma precisava de uma maior atenção e assim, todos aceitaram a situação, respeitando-a (Cíntia, 2025).

Diante do exposto, podemos perceber que a professora buscou estratégias para que pudesse dá suporte à aluna com TEA, sendo esse movimento de suma importância, visto que o professor apresenta um papel importante para a inclusão escolar, pois, será o mediador durante o processo de aprendizagem do educando (Ramos, 2017).

Cíntia pontua que realizava atividade diferenciada para a aluna, assim como para outros alunos sem diagnóstico, por perceber que precisavam de um acompanhamento pois, apresentaram dificuldades na realização das atividades propostas. Eram feitos dois tipos de atividades para serem aplicadas na turma, considerando o nível de desenvolvimento dos alunos, no entanto, devido as demandas, a realização de duas atividades ficou complicado de ser realizada.

Com o contato que teve no decorrer do primeiro semestre, a professora resolveu fazer as mesmas atividades para todos da turma e observou que a aluna com TEA conseguia acompanhar o que era proposto. Relata ainda que a aluna conseguiu realizar as atividades, mas era preciso ir até sua mesa acompanha-la mesmo já tendo explicado a atividade anteriormente, pontou que seu ritmo de trabalho é considerado lento e às vezes não consegue concluir o que

[3] Cintia é um nome fictício utilizado para proteger a identidade da participante.

ISSN: 2358-8829

foi solicitado, pois a mesma pede calma à professora ou diz para deixa-la quieta, ficando em alguns momentos irritada, aumentando o tom de voz e dizendo que não vai mais fazer. Sobre esses momentos, a professora destacou que entende que a aluna já chegou a seu limite e não pede mais para que ela faça a atividade proposta.

Quando falamos de incluir, segundo Lima (2006) precisamos considerar "as necessidades educacionais dos sujeitos [...] procurando transformar as instituições" (p. 24), buscando adequação a todos os alunos, assim como também para os deficientes, para que eles possam se sentir parte da instituição de ensino. Lima (2006) afirma ainda que a inclusão abrange um processo de compreensão do sujeito onde todos aqueles que estão ao redor do deficiente precisam ter uma mentalidade inclusiva para que esta educação também seja.

Com o exposto pela professora, podemos perceber que a mesma tem uma mentalidade inclusiva, demostrando compreender seus alunos, respeitando suas diferenças na busca do desenvolvimento individual de cada uma delas, independentemente de serem crianças com deficiência ou não. É notório ainda que a professora tem feito adequações em suas práticas, mesmo que em sua maioria tenha reproduzido o que acontece na sociedade, uma segregação social. (Silva et al., 2024).

Silva et al (2024) expoem que às vezes os sujeitos realizam essas práticas de maneira inconsciente, devido ao currículo oculto, categorizando aprendizagens informais como atitudes, valores, comportamentos e orientações solicitadas pela sociedade para que as novas gerações se ajustem ao funcionamento e estruturas estabelecidas pelo meio em que vivem.

Cintia tem consciência que a aluna precisa de mais atenção, no entanto não consegue atender a essa demanda da maneira que gostaria devido à quantidade de alunos que também requer atenção na sala, inclusive apresentando mais dificuldade que a aluna diagnosticada com TEA. Acrescenta que já tentou trabalhar em duplas para que os colegas possam ajudar um ao outro, considerando válido o resultado obtido, contudo, alega que esquece de organizar a sala e separar as duplas, mas que pretende usar a dinâmica novamente na sala. A professora finaliza dizendo que acredita que se a educanda tivesse um acompanhante especializado, teria um melhor desenvolvimento escolar.

O relato de Cintia reforça sua mentalidade inclusiva e exemplifica algumas estratégias que tem implantado em sala de aula para atender as necessidades de seu alunado, assim como de sua aluna diagnosticada com TEA. Ao comentar sobre um acompanhante especializado, a professora aponta sobre o direito previsto na Lei Berenice Piana (12.764/12), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que

assegura em seu artigo 3º o direito a acompanhante especializado para alunos autistas em escolas. Em seu parágrafo único temos que:

> Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:
> Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado. (LEI Nº 12.764/12, BRASIL).

É perceptível pelo relato da professora que esse direito não está sendo posto em prática com a aluna, visto que a mesma não tem um acompanhante especializado, sendo este um profissional importante para o processo de inclusão do aluno autista (Pereira e Coelho, 2018).

O processo de escolarização precisa ser mais discutido, assim como afirma Macalli et al. (2019), pois as pessoas com deficiência, por mais que tenham seus direitos assegurados por Leis e Decretos publicados, em sua maioria, não tem acesso aos mesmos assim como defendem os documentos e políticas públicas do nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu compreender, a partir do olhar da professora, como se configuram as práticas do processo de inclusão de estudantes com TEA no Ensino Fundamental I. A partir das falas da docente, evidenciou-se tanto avanços quanto entraves presentes no cotidiano escolar que influenciam para uma prática verdadeiramente inclusiva.

Verificou-se que, embora a professora demonstre esforço e sensibilidade para atender às necessidades da aluna com TEA, ainda enfrenta dificuldades como a falta de acompanhante especializado e grande quantitativo de alunos em sala de aula. Esses fatores comprometem a implementação de estratégias pedagógicas diversificadas dentro do ambiente escolar.

Contudo, também foram identificadas práticas promissoras, como a adaptação de material, momentos de atividades em dupla valorizando vínculo afetivo, que contribuem significativamente para a aprendizagem e o bem-estar dos alunos com TEA. Essas experiências indicam que a construção de um ambiente escolar inclusivo é possível, desde que se fortaleça a cultura escolar voltada para a diversidade e os professores tenham parcerias que contribuam para o aprimoramento de suas práticas diárias com alunos com TEA no ambiente educacional.

Conclui-se, portanto, que compreender o olhar docente sobre o TEA é um passo fundamental para transformar a realidade escolar. O conhecimento gerado por esta investigação pode contribuir para a elaboração de práticas pedagógicas mais inclusivas, que reconheçam as singularidades dos estudantes com TEA e promovam sua plena participação na vida escolar.

Palavras-chave: Autismo. Percepções dos professores. Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm> Acesso em: 25 Ago. 2025.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da literatura**. Educação em Revista**, v.12, n.33, p.1-30, 2017. Disponível em: https:// www.scielo.br/j/edur/a/LwWNFfpwcvWRvdwLTkMvdWF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 28 de junho 2025.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social.** São Paulo, SP: Avercamp, 2006.

MACALLI, Ana Carolina; GONÇALVES, Taísa Grasiela Gomes Liduenha; CAIADO, Katia Regina, Moreno. **Fluxo escolar de alunos com deficiência em um município: o que revelam os dados oficiais.** Revista Educação Especial, 32, e14/ 1-20, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.5902/1984686X28212. Acessado em 24 de maio 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa:** teoria, passos e fidedignidade. Ciência & saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012

ONOHARA, Ariane Mieko Himeno; SANTOS CRUZ, José Anderson Santos; MARIANO, Maria Luiza. Educação inclusiva: o trabalho pedagógico do professor para com o aluno autista no ensino fundamental I. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação,** Araraquara, v. 20, n. 2, p. 289-304, 2018. https://doi.org/10.30715/doxa.v20i2.12020. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/12020 Acesso em 29 junho de 2025.

PEREIRA, Elivelton de Oliveira. COELHO, Washington Luís Rocha**.** O acompanhante especializado no processo de inclusão de alunos com transtorno do espectro autista no ensino regular. In: **Congresso Nacional de Educação, V CONEDU**, 2018, Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47935>. Acesso em: 22 de junho de 2025.

RAMOS, Taurino Costa. A importância da matemática na vida cotidiana dos alunos do ensino fundamental II. **Cairu em Revista.** Jan/fev 2017, Ano 06, n° 09, p. 201-218. Disponível em: <http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/20171/11_IMPORTANCIA_MATEMATICA.pdf>. Acessado em 24 de maio 2025.

SILVA, Isnary; LOPES, Betania Jacob Stange; QUADROS, Silvia. Práticas pedagógicas inclusivas no ensino regular em colaboração com a educação especial. **Revista Educação**

ISSN: 2358-8829

Especial. Santa Maria, v. 37, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/74315/. Acessado em 24 de maio 2025.